

## Capítulo I - SERIA UM INDÍCIO?

Aquela manhã do dia 31 de dezembro surgiu nublada.

O calor alucinante dos últimos dias tinha aumentado a umidade do ar e muitas nuvens se espalharam no céu da cidade do Rio de Janeiro.

Tudo de acordo com o verão carioca e sua extraordinária capacidade de produzir vários dias sem um pingo de chuva.

Nesses períodos, a temperatura máxima à sombra supera facilmente os 35°C e a sensação térmica, gerada pela umidade, fornece mais 5°C sem muito esforço. Ou seja, nossos poros trabalham para que o organismo não entre em colapso, massacrado por ondas térmicas superiores a 40° C.

Eu havia escolhido a Estrada das Paineiras, na Floresta da Tijuca, como o primeiro ponto turístico da cidade a ser visitado por Ana.

Ela havia chegado na noite anterior de Buenos Aires, em voo direto. Acordou cedo, bem-disposta, pronta para curtir o programa que eu tinha preparado com esmero para o último dia do ano.

Durante o café da manhã, eu expliquei, sem entrar em detalhes, o primeiro passeio do dia. Antecipei, no entanto, que ela teria a possibilidade de vislumbrar a estátua do Cristo Redentor, a partir de um nível mais inferior da montanha, além da incrível vista dos bairros e das praias da cidade que se descortinava aos pés de quem caminhava pelas Paineiras.

Aquele trecho da Floresta da Tijuca, próximo às obras abandonadas de um hotel, era muito especial para mim. Representava o ponto de partida para meus treinos de corrida. Embora fossem consumidos cerca de 20 minutos no percurso de subida, estacionar o carro era fácil, principalmente para os visitantes que chegavam bem cedo ao local.

Nos dias mais quentes da cidade, as Paineiras funcionam como uma espécie de oásis para os desportistas. Um treino no período entre 7 e 9 h, com hidratação adequada, quase sempre é bem gratificante.

## Capítulo I - SERIA UM INDÍCIO?

Poucos meses antes, ainda na primavera, eu havia corrido com frequência nas Paineiras com o objetivo de aprimorar os meus treinos para a Maratona de New York, que acontecera no início de novembro. Foi a minha primeira participação em maratonas no exterior.

Quando descemos do carro, um lindo sorriso surgiu no rosto de Ana, colocando em destaque o brilho nos olhos, que pareciam querer refletir, em uma cena de impossíveis 360°, o espetáculo, ainda no seu primeiro ato, que a Natureza iria revelar, ali, com todo o seu esplendor.

Durante a subida ela não medira palavras para elogiar o verde que se deixava penetrar pelo carro em seu deslocamento, pois o cinza do piso da estrada era um mero detalhe naquela profusão de árvores gigantescas e de galhos frondosos que se entrelaçavam, sem permitir distinguir a que tronco pertenciam. A vegetação, de tão densa em grande parte do trajeto, formava uma espécie de túnel, com o teto impregnado de vários tons de verde.

Ana permaneceu imóvel alguns segundos, ao lado do carro. Sem se preocupar em ser original, adotou um comportamento muito utilizado por quem chega a um local onde o ar puro predomina. Inspirou lenta e profundamente, como desejando inundar os seus pulmões com aquele oxigênio nascente que exalava da floresta, deixando-se disponível a todos que o valorizassem como um dos componentes fundamentais da vida. E fechou os olhos, como se estivesse mergulhado na imensidão de prazeres jamais vividos.

Aqueles segundos de êxtase pareciam demorar uma eternidade para mim, tomado por uma certa dose de ansiedade, vivamente interessado em mostrar as belezas da cidade para Ana. Eu já dera um passo à frente para beijá-la, como se fosse um príncipe encantado que traz a sua bela para a realidade, quando, subitamente, um leve ruído, vindo do topo das árvores, quebrou o “encanto” da adormecida.

Uma dupla de macacos-prego começava o seu trajeto diário até o estacionamento, numa espécie de checagem do movimento dos frequentadores assíduos e dos turistas curiosos.

Um bom número de pessoas no local, já àquela hora, era um sinal promissor de fartura de guloseimas na hora do almoço.

## Capítulo I - SERIA UM INDÍCIO?

Ana ameaçou acompanhar o trajeto dos macacos no sentido oposto ao que eu havia planejado para iniciar o passeio a pé. Com um poder mágico de argumentação que não dava espaço para a minha ansiedade que se tornara robusta, eu convenci Ana a tomar o caminho que havia escolhido, garantindo que, no retorno, os macacos estariam em número bem maior, multiplicando a algazarra.

Ana não tinha motivos para duvidar das minhas previsões, pois eu já demonstrara meu conhecimento a respeito das redondezas. Ao mesmo tempo em que, com o canto dos olhos perdia os macacos progressivamente de vista, Ana me deu a mão e começamos o passeio, em leve subida.

Naquela hora, no meio da manhã, os diversos grupos de pessoas já se misturavam ao longo da estrada. Nos feriados, como aquele sábado, a via fica interdita ao tráfego de veículos, reproduzindo a mesma limitação que é aplicada em todos os domingos.

Mesmo nos dias úteis, e com a pista liberada para carros, o tráfego é mínimo, representando um risco muito baixo para os pedestres. Os motoristas que precisam usar a estrada já estão acostumados com os transeuntes e adotam uma direção muito cautelosa. Sem contar as inúmeras lombadas, construídas transversalmente à pista, funcionando como outro forte limitador de velocidade.

Do estacionamento até o primeiro entroncamento com a estrada mais próxima na Floresta, podia-se percorrer algo como 4 km, passando por algumas quedas d'água, sempre um convite a um banho refrescante, com exceção daqueles raros dias de inverno no Rio de Janeiro.

A Estrada das Paineiras serpenteia a encosta da Floresta, de modo que as mais lindas vistas panorâmicas da cidade se apresentam do lado esquerdo do trajeto, no sentido da subida. Em alguns pontos desse trecho, com visão ainda mais ampla e privilegiada da cidade, existem mirantes com grandes áreas de circulação, capazes de receber um bom número de frequentadores. Na maior parte da lateral da estrada, apenas uma mureta baixa e estreita, separa os transeuntes do abismo.

## Capítulo I - SERIA UM INDÍCIO?

Durante a caminhada, o visitante certamente cruzará com grupos de ciclistas e corredores em ambos os sentidos. Existem estações com aparelhos para aqueles que desejarem praticar uma ginástica localizada. E até mesmo um paredão especial para treinamento de alpinismo pode ser utilizado pelo público. Em áreas mais amplas, onde a Natureza recortou com mais intensidade a encosta ao longo dos tempos, grupos de meditação encontram um espaço plano, primoroso para as suas sessões.

Depois de identificar, dos mirantes, os principais pontos da cidade, retornamos ao estacionamento e como eu antecipara, os macacos-prego faziam a maior festa, “mendigando” por um pedaço de pão ou de biscoito. Alguns, verdadeiros acrobatas, enrolavam os rabos nos galhos e impulsionados por um vigoroso movimento pendular com o tronco, tentavam chegar mais próximo dos humanos, estendendo os seus longos braços cabeludos.

De súbito, o clima de quase euforia entre os presentes foi interrompido por gritos de uma voz feminina, repetindo sofregamente a palavra SOCORRO!

Mesmo depois de tamanho susto, não passou pela minha mente que essa palavra, insistentemente pronunciada ali, inundaria os meus ouvidos no final da noite daquele mesmo dia.

